

RUPTURA E CRISE DA FIGURA PATERNA EM *DIÁRIO DA QUEDA E LAVOURA ARCAICA*

Luciano da Motta Pereira

Orientadora: Cláudia Neiva de Matos

Doutorando

RESUMO: Propomos com este trabalho analisar como as relações familiares e, em particular, a figura paterna são reengendradas pela ficção brasileira contemporânea, comparando dois romances: *Depois da queda* (2011), de Michel Laub, e *Lavoura arcaica* (1989), de Raduan Nassar, originalmente publicado em 1975. Ambas as obras apresentam famílias combalidas, nas quais os laços de afetividade entre pais e filhos (e avós) encontram-se por um fio. De um esperado lugar de estabilidade e refúgio das intempéries da vida, o lar vem se tornando um ambiente hostil, associado a conflitos e desordem. Os membros da família encontram-se cada vez mais desamparados, esmagados por uma herança de dores e marcados pela escassez de afetos e diálogo. Em certo nível, essas são consequências das grandes mudanças nas relações interpessoais ao longo da Modernidade. A experiência ficcional contemporânea tira-nos da passividade e toca nossa sensibilidade. Os caminhos percorridos pelos personagens são também os nossos, afinal, estamos envolvidos na mesma busca por reencontrarmos o que um dia perdemos: suporte, compreensão, relacionamentos saudáveis, identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Romance, Contemporaneidade, Desamparo, Solidão, Família.

Propomos com este trabalho analisar como as relações familiares e, em particular, a figura paterna são reengendradas pela ficção brasileira contemporânea, comparando dois romances: *Depois da queda* (2011), de Michel Laub, e *Lavoura arcaica* (1989), de Raduan Nassar, originalmente publicado em 1975.

Ambas as obras apresentam famílias combalidas, nas quais os laços de afetividade entre pais e filhos (e avós) encontram-se por um fio. De um esperado lugar de estabilidade e refúgio das intempéries da vida, o lar vem se tornando um ambiente hostil, cada vez mais



associado a conflitos e desordem. Em certo nível, essa é uma consequência direta das grandes mudanças nas relações interpessoais ao longo da Modernidade.

As ciências sociais demonstram que “todas as sociedades construíram alguma forma de família”, estruturada por relações de afinidade, descendência e consanguinidade (Silva, 2009, p. 136-137). Questões econômicas e de subsistência também foram determinantes na formação dos vínculos familiares. Relembramos os estudos de Gilberto Freyre sobre o papel da família patriarcal na formação da sociedade brasileira, um modelo em que os elos de convivência entre livres e escravos, na casa grande, na senzala e nos engenhos, eram centralizados na figura do chefe da família. A obra de Freyre aponta o modelo patriarcal como “o grande fator colonizador do Brasil, [...] a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América” (Freyre, 2003, p. 81).

Tal configuração de família começou a desmoronar a partir do expressivo crescimento urbano iniciado durante a Primeira Revolução Industrial na Europa, entre os séculos XVIII e XIX, com a multiplicação de cômodos no interior das casas e a redução das construções – os primeiros redutos de vida privada individual dentro da vida privada familiar.

Desde então, membros do lar começaram gradativamente a se isolarem uns dos outros. O pai, enquanto “centro moral” e principal ligação entre as vidas pública e particular da família (Oliveira, 2011, p. 91), veio perdendo sua posição, especialmente com o advento do trabalho feminino no início do século XX e, depois, com a Revolução Sexual, na década de 1960. Os filhos, que antes traziam consigo uma expectativa de melhoria e bem-estar na casa, desejados por causa das alegrias que a paternidade ou a maternidade poderiam proporcionar, agora são medidos segundo a lógica custo-benefício. De acordo com Zygmunt Bauman (2004, p. 60), “os filhos estão entre as aquisições mais caras que o consumidor médio pode fazer ao longo de toda a sua vida”.

Hoje, definir família tem sido muito complicado, mais do que o senso comum nos permite acreditar. No Brasil, e em boa parte dos países ocidentais, deixou de ser óbvio associar família à imagem de um pai provedor, de uma mãe que cuida do lar e de filhos que estudam. A típica “família nuclear” parece seguir uma via de extinção – ou, no mínimo, de fragmentação dos paradigmas até então estabelecidos, como expõe Maria Rita Kehl:

Na confusa árvore genealógica da família tentacular, irmãos não consanguíneos convivem com “padrastos” ou “madrastas” (na falta de termos melhores), às vezes já de uma segunda ou terceira união de um de seus pais, acumulando vínculos profundos com pessoas que não fazem parte do núcleo original de suas vidas. Cada uma dessas árvores hiper-ramificadas guarda o traçado das moções de desejo dos adultos ao longo das várias fases de suas vidas – desejo errático, tornado ainda mais complexo no quadro de uma cultura que possibilita e exige dos sujeitos que lutem incansavelmente para satisfazer suas fantasias (KEHL, 2003, p. 3).

As pressões do atual mundo globalizado também provocam grandes rupturas na vida familiar e em sociedade. E aqui recorro mais uma vez às palavras de Bauman (2011, p. 64): “este é um mundo duro, destinado a pessoas duronas. É um Universo de indivíduos abandonados, contando apenas com as próprias habilidades, tentando ultrapassar e sobrepujar o outro”. A busca pela felicidade e pela consumação dos próprios desejos é hoje, acima de tudo, a força motriz de muitas pessoas, sem tempo para valores como abnegação e empatia. Isso afeta drasticamente o dia a dia nos espaços privados e comunitários:

Lares em muitas áreas urbanas ao redor do mundo hoje existem para proteger seus habitantes, não para integrar as pessoas em suas comunidades. [...] A separação e a manutenção da distância tornaram-se a estratégia mais comum na luta urbana pela sobrevivência (BAUMAN, 2011, p. 72).

É cada vez maior o sentimento de perigo e disputa na contemporaneidade, que só reforça os muros de separação entre “nós” e “eles”. Paralelamente, a carga de ininterruptas urgências, o volume de exigências e obrigações exila os seres humanos em seus mundos particulares e instáveis, desfazendo os (poucos) laços de sociabilidade ainda atados. Resta um “individualismo de penosa solidão”, que só aumenta “o vazio das almas que as mercadorias se apressam em preencher constantemente” (Bordini, 2007, p. 52).

Apesar de tão profundas e aceleradas transformações, não se pode ignorar a influência ou o impacto que a figura paterna ainda exerce na vida dos filhos, seja em uma família chamada “tradicional”, seja em uma das múltiplas composições familiares existentes no mundo contemporâneo. Longos debates vêm sendo travados a respeito dos papéis dos agentes familiares, do atual abandono de muitos pais em relação à formação de suas crianças e adolescentes, da transferência desse cuidado para outros agentes, como os professores e até os meios de comunicação. Contudo, um olhar atento para a conjuntura recente confirma que a integridade do tecido social ainda depende da qualidade dos vínculos familiares e, em especial, da boa e velha relação pai-filho.

Salvo raras exceções, ao chegarem à fase adulta, já donos de suas próprias experiências de êxitos e fracassos, e até quando alcançam idades mais avançadas, é visível como os filhos levam consigo o legado dos pais. Têm forte ressonância a palavra e as experiências transmitidas por um pai aos seus descendentes. Se a figura paterna é frágil ou ausente, as relações futuras tendem a ir pelo mesmo caminho; se é severa e até violenta, a herança para os filhos e para quem conviveu ou ainda convive com esse pai se torna um pesado fardo.

Vivemos, portanto, em um contexto de crescente desamparo e desassossego, no qual “o texto ficcional desempenha a possibilidade de ser a expressão linguística de um trauma, embora essa mesma expressão implique uma ambiguidade” (Helena, 2010, p. 14). É claro que não existe alegria alguma em se recordar dores no âmbito familiar ou marcas provocadas por uma figura paterna distante ou dura. Mas é preciso transcender o que incomoda – e a literatura permite construir algo que ultrapassa o trauma a partir dele; torna-se uma via possível para tocar e tratar certas feridas, capaz de sensibilizar as circunstâncias do outro.

Gerações em conflito

Narrado como prosa de perfil autobiográfico, em primeira pessoa, *Diário da queda* tem como tema central as memórias de um homem angustiado por um trágico acontecimento de sua adolescência. Durante as festividades do Bar Mitzvah, aos treze anos de idade, o narrador-protagonista deixa cair de propósito seu colega de escola, João, que fora arremessado ao ar pela turma. As lembranças da queda e seus desdobramentos ainda atormentam esse narrador, já na fase adulta, sendo atravessadas pelo péssimo relacionamento que tem com o pai, acometido pelo mal de Alzheimer, e pelas reminiscências do avô, um sobrevivente de Auschwitz, temido campo de concentração mantido pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

Organizado em tópicos, semelhante a um blog, um diário virtual, o romance vai descortinando aos poucos para o leitor a história de tormentos e traumas vivida pelas três gerações dessa família radicada em Porto Alegre. Tendo uma construção fragmentada, não linear, segue uma vertente da literatura contemporânea que, segundo Karl Eric Schollhammer

(2009, p. 15), se aproxima do “mais cotidiano, autobiográfico e banal, o estofado material da vida ordinária em seus detalhes mínimos”.

As seções do livro parecem tentar organizar as lembranças, como se vê em “Algumas coisas que sei sobre o meu avô” ou “Algumas coisas que sei sobre o meu pai”, e ainda “Algumas coisas que sei sobre mim”. Porém, ainda que se apresentem como partes distintas umas das outras, o que ocorre de fato é um entrecruzar de memórias: a vida do filho é inseparável da vida do pai, que está entranhada da vida do avô.

O filho-narrador-protagonista manifesta um desejo de ruptura desse ciclo interminável de lembranças. De tempos em tempos, nega-se a voltar a eventos que envolvem sua família e a queda do colega de escola. Isso, porém, não acontece. Fica o tempo todo repetindo a história, como se “essas ideias não fossem, em algum ponto, essenciais para que eu possa também falar do meu avô, e por consequência do meu pai, e por consequência de mim” (Laub, 2011, p. 9). Além disso, ao transformar suas memórias em um diário, repete o procedimento do avô, que registrou em dezesseis cadernos sua forma de ver o mundo. O pai fez o mesmo ao saber do Alzheimer e começou a escrever um livro de memórias:

[...] eu não poderia me opor ao que virou a grande distração do meu pai: as horas no escritório como o meu avô, um projeto mais ou menos como o do meu avô, um livro de memórias com os lugares aonde meu pai foi, as coisas que ele viu, as pessoas com quem falou, uma seleção dos fatos mais importantes da vida dele durante mais de sessenta anos (LAUB, 2011, p. 93).

Certos episódios dramáticos da história dessa família retornam na geração seguinte, como, por exemplo, a dura perseguição sofrida pelo avô durante a guerra. Infortúnio semelhante acomete o protagonista na nova escola depois do episódio da queda de João, agora em forma de intolerância religiosa e cultural:

No dia seguinte toda a escola nova estava sabendo, mas dessa vez eu já estava preparado, como que anestesiado pelo que tinha vivido no ano anterior e era óbvio que viveria de novo: o assunto que mudava quando alguém me via, o meu nome escrito com giz na parede do corredor ao lado da estrela (LAUB, 2011, p. 72).

Atitudes violentas também se evidenciam na vida do protagonista nas muitas brigas – briga com o pai, briga nos tempos de escola, briga com as esposas – e estão vinculadas à falta de afetos e de carinho na família. O avô é descrito como um pai que “nunca apareceu

sorrindo” (Laub, 2011, p. 13), um pai que teve a capacidade de escrever dezesseis cadernos, mas que passou a vida “sem dizer uma única vez o que sentia” em relação ao seu próprio filho (Laub, 2011, p. 47). Pela percepção do narrador, ficamos sabendo que esses problemas de relacionamento têm origem em tempos remotos: “Meu bisavô nunca perdoou a minha avó. Minha bisavó também deixou de falar com ela” (Laub, 2011, p. 29).

A segura e a ausência do avô norteiam a maneira como o pai trata o filho. Somente aos treze anos, e de novo após o episódio da queda de João, depois de tantas mágoas e silêncios acumulados, o contato físico mais próximo que o filho tem com o pai se dá justamente durante “a grande briga” do romance, que agrava a crise entre os dois (Laub, 2011, p. 71). Por outro lado, a recordação desse embate, somada à necessidade de dar a notícia ao pai sobre sua doença, realçam as carências que acompanham o filho adulto:

[...] e lembro que uma das coisas que pensei era se eu tocaria nele depois de dar a notícia, se pegaria na mão dele ou poria as minha mão no ombro dele ou daria um abraço ou tentaria abrir um sorriso que significasse o mínimo de otimismo diante do prognóstico que tínhamos naquele momento (LAUB, 2011, p. 71).

Em *Lavoura arcaica*, os desencontros familiares são semelhantes e também se desdobram em três gerações. Afastado do ambiente urbano, é uma obra que remete às histórias características de um Brasil profundo, rural, de famílias patriarcais cujas origens se fundem com as dos textos religiosos. A dinâmica do romance é mais lenta e rebuscada, diferente de *Diário da queda*, mais próximo do que Walter Benjamin (1996, p. 205) classifica como “forma artesanal de comunicação”, em que “se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”.

A família ganha contornos de uma instituição sagrada. A casa, em uma fazenda, é descrita como um “velho templo”, que se mantém firme por causa de um pai cheio de sabedoria e de uma mãe auxiliadora do marido. O primogênito, chamado Pedro, é aquele que deve perpetuar o legado patriarcal, sendo um guia para seus irmãos, inclusive André, o narrador-protagonista da história, um jovem que por um tempo deixa aquele lar em busca de suas próprias verdades, mas que depois retorna para o ajuste de contas, como na parábola bíblica do filho pródigo.

A disposição das pessoas à mesa na hora das refeições ou durante os sermões do pai é emblemática para André, pois define “duas linhas” na árvore centenária da família: os que se assentavam à direita eram de conduta exemplar, cerebrais e fiéis aos preceitos paternos; os que ficavam à esquerda traziam “o estigma de uma cicatriz” pela “carga de afeto” (Nassar, 1989, p. 154-155). Trata-se de uma clara referência às Escrituras Sagradas – à direita, os salvos; à esquerda, os perdidos – que, de certa forma, sinaliza os rumos do romance.

Para que aquela família e seus valores permanecessem de pé, era vital que todos devotassem obediência irrestrita ao discurso paterno, algo que era repetido e enfatizado diariamente:

O amor, a união e o trabalho de todos nós junto ao pai era uma mensagem de pureza austera guardada em nossos santuários, comungada solenemente em cada dia [...] era importante não esquecer também as peculiaridades afetivas e espirituais que nos uniam, não nos deixando sucumbir às tentações, pondo-nos de guarda contra a queda (não importava de que natureza) (NASSAR, 1989, p. 20-21).

Mesmo sob as exigências do dever e do respeito às palavras do pai, de preservar o cumprimento das tarefas e os laços de sangue, André sucumbe à paixão incestuosa por sua irmã Ana. Esse fato desencadeia sua partida de casa, um amor proibido, amparado por um desejo antigo de ruptura e busca de uma felicidade que, nas palavras do narrador-protagonista, “pudesse ter vislumbrado para além das divisas do pai” (Nassar, 1989, p. 22).

Tal qual a parábola bíblica, não duram muito os dias de André fora de casa. Quando retorna, há uma reação eufórica da família pela volta do jovem desgarrado: “vozes, risos e soluços se misturando”. Contudo, trata-se de uma alegria reprimida: “todo aquele surto de emoções parecia ser contido pela palavra severa do chefe da família” (Nassar, 1989, p. 149). Essa severidade do pai, que sufoca os afetos, é também destacada quando ele adentra o quarto do filho recém-chegado. Na descrição da cena, há um contraste entre a visão assustadora que o filho tem do pai e a forma acolhedora com a qual é recebido:

[...] e eu ainda ouvia um silêncio carregado de vibrações e ressonâncias, quando a porta foi aberta, e a luz do meu quarto acesa, surgindo, em toda a sua majestade rústica, a figura do meu pai, caminhando, grave, na minha direção; já de pé, e olhando para o chão, e sofrendo a densidade da sua presença diante de mim, senti num momento suas mãos benignas sobre minha cabeça, correndo meus cabelos até a nuca, descendo vagarosamente pelos meus ombros, e logo seus braços poderosos me apertavam o peito

contra o seu peito, me tomando depois o rosto entre suas palmas para me beijar a testa; e eu tinha outra vez os olhos no chão quando ele disse, úmido e solene:

— Abençoado o dia da tua volta! Nossa casa agonizava, meu filho, mas agora já se enche de novo de alegria! (NASSAR, 1989, p. 149).

Mas o gesto transgressor de André já havia contaminado outros membros da família, exatamente aqueles que se assentavam à esquerda da mesa. Seu irmão Lula, o caçula, confessa o desejo de sair de casa quando se encontram no quarto depois do retorno: “Não aguento mais esta prisão, não aguento mais os sermões do pai, nem o trabalho que me dão, e nem a vigilância do Pedro em cima do que faço, quero ser dono dos meus próprios passos” (Nassar, 1989, p. 177).

Por sua vez, Ana se adorna das “quiquilharias mundanas” que estavam na caixa de André e, sem palavras, exhibe-se de forma sensual e afrontosa ao pai justamente durante a festa de retorno do filho. Essa atitude assinala o desfecho trágico do romance: “ferido nos seus preceitos” e “possuído de cólera divina”, o pai avança sobre a filha e parece feri-la de morte, embora isso não fique muito claro (Nassar, 1989, p. 191-192).

O conflito final não deixa de ser uma referência ao peso mórbido do legado patriarcal sobre as gerações, que está associado à “dicção religiosa” presente em todo o livro: nos sermões do pai, na linguagem de vocábulos solenes, na advertência do Corão citada na epígrafe da segunda parte do romance: “Vos são interditas: vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs” (Nassar, 1989, p. 143).

Discursos em cheque

Sempre existiu um questionamento dos filhos em relação à fala pedagógica emoldurada por seus pais, algo muito presente nos dois romances em análise. Os estudos de Psicologia reconhecem que o desejo de romper com os preceitos e os discursos paternos começa na fase da adolescência, a partir da necessidade do indivíduo de fundamentar sua própria identidade, como afirma Maria Cicília Ribas:

Na adolescência, a questão central é o remanejamento das relações anteriormente instituídas. O adolescente deve reorganizar seu mundo interior. Estas modificações não podem se efetuar sem conflitos,

principalmente internos, já que implicam um trabalho de luto, luto de um status e, mais profundamente, de certas imagens de si e dos pais (RIBAS, 2002, p. 50).

Em *Diário da queda*, conceitos e valores são (re)transmitidos pelas memórias registradas nos cadernos do avô, cujos verbetes atuam como premissas para o cotidiano do lar: “Não há como ler as memórias do meu pai sem ver nelas o reflexo dos cadernos do meu avô”. Contudo, o filho-narrador consegue perceber um esforço de ruptura do seu pai: “em pontos muito específicos, os registros dos dois são opostos” (Laub, 2011, p. 132).

O conceito de “Esposa”, por exemplo, formulado pelo avô, diz: “pessoa que se encarrega das prendas domésticas, cuidando para que sejam empregados procedimentos os mais rigorosos de higiene na casa”. E destaca no fim: “para que no dia do marido não existam perturbações quando ele deseja ficar sozinho” (Laub, 2011, p. 31). Essa visão patriarcal, que centraliza a figura do homem da casa e suas necessidades, também aparece no verbete “Família”:

conjunto de pessoas que dividem a casa com o homem e no convívio coroam o desejo dele de continuidade e doação amorosa, a confirmação da sorte que ele sempre teve na vida. No convívio com ele os membros da família cuidam para que não haja incompatibilidade de ideias e atitudes com ele [...] A família nunca perturba quando ele está sozinho no escritório. A família deve respeitar o direito dele, que pode ser exercido a qualquer dia e hora e sem permissão ou aviso prévio, de permanecer pelo tempo que quiser sozinho no escritório (LAUB, 2011, p. 98).

A opção deliberada pela solidão e a ordem de nunca ser perturbado pela esposa nem pela família pavimentam o caminho de uma grande desgraça: foi exatamente no escritório, onde chegou a passar dias inteiros sozinho, que o avô deu um tiro na cabeça, certamente não suportando mais as lembranças dos horrores da guerra: “meu avô nunca deixou de pensar em Auschwitz” (Laub, 2011, p. 99). Essa informação do suicídio – que é a queda do avô e, por extensão, a queda dessa família – demora um pouco a ser contada pelo filho-narrador em suas muitas idas e vindas na história, como se ele também evitasse encarar essa chaga do passado ainda não cicatrizada.

O choque da morte do avô e sua visão estreita e pessimista da vida acompanham o pai por muitos anos: “a figura paterna que fez o que fez, que largou o filho da maneira como largou, então imagino o peso para o meu pai” (Laub, 2011, p. 119). Nos registros do pai

também constam os dias sucessivos de tormento pela perda repentina: “Eu chorava na faculdade. Chorava no carro. Na rua. Já chorei no cinema. No restaurante. Num estádio de futebol. Na piscina, enquanto estava nadando, e depois no vestiário, trocando de roupa” (Laub, 2011, p. 141-142).

Ficar sozinho, incomunicável, à maneira do avô, sem expressar sentimentos ou promover o diálogo em casa, foram atitudes que marcaram o relacionamento pai-filho e os afastaram um do outro. Mas algo mudou com a chegada do mal de Alzheimer, e a conseqüente preocupação do pai em registrar suas memórias. Assim, nem ele mesmo, enquanto estivesse vivo e lúcido, nem sua posteridade se esqueceriam de sua história. É justamente nos escritos do pai que encontramos uma postura diferente, uma outra forma de enxergar o mundo em relação aos conceitos do avô, especialmente no que tange à “Esposa” e à “Família”. Na visão do pai, os dias de choro só foram superados no momento em que conheceu a mulher que seria sua esposa: “O pior momento tinha passado. Acho que a história toda começou ali” (Laub, 2011, p. 146).

Apesar disso, a visão patriarcal do avô e a falta de afetos do pai tiveram grande impacto na trajetória do filho, impelindo-o a tropeços no mesmo isolamento, na mesma dificuldade de diálogo das gerações anteriores, tendo como agravante o vício da bebida. Somente no terceiro casamento o filho caiu em si e reconheceu ter ido longe demais, ao dar um soco no colchão em vez de golpear em cheio o rosto de sua mulher durante a última das muitas brigas. Nesse momento do romance, o leitor percebe estar lendo “um diário” dirigido ao filho do narrador-protagonista, ou seja, a quarta geração dessa família.

O filho também elabora seus próprios verbetes, emitindo conceitos sobre a vida que buscam se afastar do seu legado familiar. Um exemplo é sua definição do que é ser pai: “é isso que um pai faz com seu filho, ele o protege e ensina e dá carinho e conforto físico e material”. Essa afirmação ganha um complemento no final: “Um pai não pode agredir a mulher na frente do filho. Não pode correr o risco de agredir. Não pode nem pensar em algo que o faça correr esse risco” (Laub, 2011, p. 48, 147).

Mas há uma grande virada em *Diário da queda*: quando o discurso do avô sobre a “inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares” é encarado de outra forma pelo pai e, principalmente, quando é reformulado pelo filho. As atrocidades em

Auschwitz, somadas a todas as crueldades que mancharam de sangue o século XX, serviam de base para o avô fundamentar sua forma negativa de ver o mundo, o que, segundo o filho,

sempre foi um conceito à disposição do meu pai. Ninguém mais que ele poderia ter se agarrado a isso para justificar toda e qualquer atitude ao longo da vida: ele poderia ter sido o pior patrão e o pior amigo e o pior marido e o pior pai porque aos catorze anos se defrontou com esse conceito, diante do meu avô caído sobre a escrivainha (LAUB, 2011, p. 134).

Se o avô passou a vida pós-Auschwitz imobilizado por esse conceito, ditando “como o mundo deveria ser” a partir de um lugar de traumas e desespero, o pai conseguiu “ir adiante apesar disso”, isto é, apesar das guerras e da violência, do choque do suicídio e da doença de Alzheimer, encarando a vida “como as coisas foram de fato” (Laub, 2011, p. 146). A mudança de rumos do pai, ainda que pequena, desencadeou uma quebra de paradigmas e uma nova perspectiva para o filho, a ponto de fazê-lo acreditar ser possível existir “algo bom na relação entre um filho e um pai” (Laub, 2011, p. 137).

Por fim, todo o desencanto pela figura paterna e pela própria vida construído ao longo da narrativa se desfaz. O filho alcança sua redenção, como afirma Stefania Chiarelli (2013, p. 29), “não só aquela representada pelo filho que virá”, mas também pela “possibilidade de reavaliar padrões”. Uma nova forma de pensar agora move esse homem antes perdido e desiludido, com base em um conceito de paternidade: “Ter um filho é deixar para trás a inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares” (Laub, 2011, p. 150).

Em *Lavoura arcaica*, não há redenção, nem ruptura – os discursos do pai, pacientemente semeados na vida do filho André, irão acompanhá-lo durante sua peregrinação longe de casa, apesar de sua relutância:

E me lembrei que a gente sempre ouvia nos sermões do pai que os olhos são a candeia do corpo, e que se eles eram bons é porque o corpo tinha luz, e se os olhos não eram limpos é que eles revelavam um corpo tenebroso, e eu ali, diante de meu irmão, respirando um cheiro exaltado de vinho, sabia que meus olhos eram dois caroços repulsivos, mas nem liguei que fossem assim, eu estava era confuso, e até perdido (NASSAR, 1989, p. 13).

André chega a descrever que, a cada passo que se distanciava da fazenda, ouvia “claramente de meus anseios um juízo rígido, era um cascalho, um osso rigoroso” (Nassar,

1989, p. 34). Palavras ligadas ao campo semântico da terra e do corpo são frequentemente usadas no romance para qualificar os preceitos do pai.

Na conversa com o irmão Pedro, pouco antes de seu retorno, André é categórico: “tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra do pai” (Nassar, 1989, p. 41). Esse peso de morte do discurso paterno pairava sobre aquela família, como um prenúncio do que estava por vir. Carrega um sentido de dureza e imobilidade.

Em contraste com a velocidade do ambiente urbano e a acelerada circulação de informações na contemporaneidade, aqui a assimilação do discurso é lenta, no ritmo do plantio e da colheita. Demanda paciência dos membros da família. Todos precisam saber esperar para não insurgirem contra a lei da casa:

Que rostos mais coalhados, nossos rostos adolescentes em volta daquela mesa: o pai à cabeceira, o relógio de parede às costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo, e nada naqueles tempos nos distraíndo tanto como os sinos graves marcando as horas: “O tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor [...]” (NASSAR, 1989, p. 51).

O tempo é possivelmente o grande tema dos sermões. Há passagens longas, até um capítulo inteiro, sobre o tempo e sua imponente pedagogia. Ligado a isso, o pai figura analogamente como extensão do relógio de parede. Também o avô guarda seu lugar em uma das cabeceiras daquela mesa de refeições e sermões – mesmo depois da sua morte, a corporeidade de sua presença ali é intocável, quase metafísica; a representação de um tempo que não passa, como afirma o filho-narrador em dois momentos: “esse velho esguio talhado com a madeira dos móveis da família” e “seria exagero dizer que sua cadeira ficou vazia” (Nassar, 1989, p. 44, 155).

Outro sinal da crise de André com a palavra do pai se verifica nos trechos narrativos entre parênteses. São digressões do protagonista inseridos de forma intercalada na história: um embaralhar de cenas e objetos, comentários ácidos e irônicos, sentimentos e sensações contraditórias.

Do embate de forças entre os desejos emancipatórios do filho e a autoridade rígida do pai, emergem pensamentos que ora recordam o trabalho cotidiano na fazenda, ora apresentam questionamentos sobre aquela família em clausura, regida pela repetição intransigente e incessante dos sermões:

(...) e é enxergando os utensílios, e mais o vestuário da família, que escuto vozes difusas perdidas naquele fosso, sem me surpreender contudo com a água transparente que ainda brota lá do fundo [...] nunca tivemos outro em nossa mesa que não fosse o pão de casa, e era na hora de reparti-lo que concluíamos, três vezes ao dia, o nosso ritual de austeridade, sendo que era também na mesa, mais que em qualquer outro lugar, onde fazíamos de olhos baixos o nosso aprendizado da justiça.) (NASSAR, 1989, p. 75-76).

Mas os discursos do pai foram implantados fundo demais no interior de André. Estavam tão enraizadas que o filho não conseguiu se desprender do chão de sua casa. Um retorno assim não é fácil. Não há compreensão, como se observa nesse trecho do longo diálogo entre pai e filho no instante da chegada do desgarrado:

— Quero te entender, meu filho, mas já não entendo nada.

— Misturo coisas quando falo, não desconheço esses desvios, são as palavras que me empurram, mas estou lúcido, pai, sei onde me contradigo [...]

— Refreie tua costumeira impulsividade, não responda desta forma para não ferir o teu pai. Não é um ponto de vista! Todos nós sabemos como se comporta cada um em casa: eu e tua mãe vivemos sempre para vocês, o irmão para o irmão, nunca faltou, a quem necessitasse, o apoio da família!

— O senhor não me entendeu, pai.

— Como posso te entender, meu filho? (NASSAR, 1989, p. 163, 169).

Depois dessa frustrada tentativa de reconciliação, o filho recebe os afagos calorosos da mãe. Só que nada foi capaz de suplantiar o que aconteceria no dia seguinte: a força e a brutalidade do pai, ao corrigir sua filha, reduziram a escombros toda uma família.

O último capítulo é uma narrativa entre parênteses. Sugere que o discurso de paciência do pai – “amor, trabalho, tempo” – foi assimilado por André, quando ele diz: “Em memória de meu pai, transcrevo suas palavras”. E finaliza com uma imagem daquele contexto arcaico, quase um provérbio bíblico: “o gado sempre vai ao poço” (Nassar, 1989, p. 193-194). Sendo cada sermão uma semente, terminamos a jornada certos de que elas germinaram, criaram raízes profundas, cresceram, frutificaram e continuam a ser semeadas. O ciclo não tem fim.

Considerações finais

As obras analisadas retratam na ficção, como afirma Lucia Helena (2010, p. 126), “um desassossego em face da trajetória de personagens que vivenciam o drama de uma existência em meio a pressões de toda ordem numa sociedade conturbada”. Em maior ou menor nível, representam nossas próprias carências, em dias de forte competitividade, incertezas e crescente solidão.

Podemos associar a atual conjuntura à teoria da angústia formalizada por Sigmund Freud, que utilizou a palavra *Hilflosigkeit*, “traduzida como incapacidade de se sair bem de uma situação difícil; de se virar; abandono; impotência e estado de desamparo, aquele que está sem ajuda, desarmado” (Macêdo, 2012, p. 100-101). São tempos árdus, sem valores concretos para se apoiar, sem sólidas localizações sociais, pelos constantes deslocamentos culturais de classe, gênero, etnia e religião. O sujeito contemporâneo atua desamparado no palco da vida pela conveniência do espaço e da ocasião, assumindo assim uma identidade “aberta, contraditória, inacabada e fragmentada” (Hall, 2005, p. 46).

Os filhos-narradores-protagonistas em *Diário da queda* e em *Lavoura arcaica* personificam indivíduos que, em vez de encontrarem suporte e acolhimento na família, veem-se esmagados pelo peso de uma herança de dores e escassez de afetos e diálogo. E se a busca por respostas fora do ambiente familiar resulta em novos questionamentos e incompletude, voltam-se para as memórias, para algo que venha a fazer sentido no interior deles.

Começa, então, um trabalho de escavação. Os dois romances trilham uma possibilidade de superação das angústias presentes pela via sensível de revirar as ruínas da memória e investigar o passado. De acordo com Giorgio Agamben (2009, p. 58-59), só pode ser verdadeiramente contemporâneo “aquele que não coincide perfeitamente” com o seu tempo, mas que tem a capacidade de “perceber e apreender o seu tempo” a partir do deslocamento e do anacronismo. Para enxergar melhor o presente, o escritor re-evoca o passado e, como um arqueólogo, percebe no mais moderno “os índices e as assinaturas do arcaico”. A ação de retorno ao passado funciona como tentativa de compreensão daquilo que no presente não é possível captar.

Em *Diário da queda*, através dos cadernos do avô, do livro de memórias do pai e do próprio diário do filho, além de outros textos citados no romance, como a experiência de Primo Levi em Auschwitz retratada no livro *É isto um homem?* (1947), acessamos parte das memórias traumatizadas não só de alguns indivíduos ou de uma família, mas do povo judeu massacrado durante a Segunda Guerra Mundial. As consequências das atrocidades afetam substancialmente, nas gerações seguintes, a maneira de ver o mundo e a relação com o outro.

Já em *Lavoura arcaica*, a viagem ao passado se dá muito mais pelo que é sugerido. A narrativa trabalha as memórias através da construção de imagens: na disposição da família à mesa, na verborragia do pai, na presença fantasmagórica do avô, na obediência taciturna de Pedro, na fuga e nas digressões de André, nos movimentos silenciosos de Ana, nos carinhos extravagantes da mãe. Talvez a cena mais forte seja a de André reconhecendo sua família no contato com o cesto de roupa suja do banheiro:

alguma vez te ocorreu afundar as mãos precárias e trazer com cuidado cada peça ali jogada? era o pedaço de cada um que eu trazia nelas quando afundava minhas mãos no cesto, ninguém ouviu melhor o grito de cada um, eu te asseguro, as coisas exasperadas da família deitadas no silêncio recatado das peças íntimas ali largadas (NASSAR, 1989, p. 42).

A experiência ficcional contemporânea tira-nos da passividade e toca nossa sensibilidade. “Ao contemplar personagens construídos no trato com as ruínas, o leitor acaba por munir-se de um olhar alegórico, olhar que se manifesta capaz de desvendar um tesouro de sentido” (Helena, 2010, p. 15). Assim, os caminhos percorridos pelos personagens são também os nossos, afinal, estamos envolvidos na mesma busca por reencontrarmos o que um dia perdemos: afetos, diálogos, suporte, compreensão, relacionamentos, identidade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BAUMAN, Z. A ética é possível num mundo de consumidores? Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.



- BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BORDINI, M. da G. Crises pós-modernas e o fim das utopias: o lugar da literatura. In: HELENA, L. (org.). Literatura, intelectuais e a crise da cultura. Rio de Janeiro: Contra Capa; CNPq, 2007, p.51-63.
- CHIARELLI, S. O gosto de areia na boca – sobre Diário da queda, de Michel Laub. In: _____.; DEALTRY, G.; VIDAL, P. (org.). O futuro pelo retrovisor – Inquietudes da literatura brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- FREYRE, G. Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- HELENA, L. Ficções do desassossego: fragmentos da solidão contemporânea. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.
- KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. Disponível em: [<http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/emdefesadafamiliate431ntacular.pdf>]. Acesso em: 29/04/2016.
- LAUB, M. Diário da queda. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MACÊDO, K. B. O desamparo do indivíduo na modernidade. ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade. Niterói, v.2, n.1, 2012. Disponível em: [<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/742>]. Acesso em: 26/09/2014.
- NASSAR, R. Lavoura arcaica. 3ª ed. rev. pelo autor. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- OLIVEIRA, M. L. W. de. Revirando casa e mundo: representações literárias do herói e da família. Um estudo do romance português contemporâneo. Niterói: EdUFF, 2011.
- RIBAS, M. C. de C. Evocações de pais de adolescentes em crise. In: Estilos da Clínica, 2002, vol. VII, n.12, 48-55. Disponível em: [<http://www.revistas.usp.br/estic/article/viewFile/61119/64119>]. Acesso em: 10/05/2016.
- SCHOLLHAMMER, K. E. Ficção Brasileira Contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SILVA, K. V. Dicionário de conceitos históricos. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.